



EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO, A ESCOLA E AS CRIANÇAS PEQUENAS DO MST: ANÁLISE DE TRABALHOS DA DÉCADA 2002-2012.

RAPHAELA DANY FREITAS SILVEIRA GONÇALVES

EIXO: 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO, MOVIMENTOS SOCIAIS

RESUMO:

O presente artigo resulta de parte da pesquisa de mestrado que teve como objeto de estudo o mapeamento das produções científicas em Educação Infantil do Campo (EIC) da década de 2002-2012, tendo como base os bancos de dados da ANPEd, CAPES e SCIELO. O artigo revela a análise dos trabalhos encontrados acerca da Educação Infantil em interface com os movimentos sociais, tendo como destaque o Movimento dos trabalhadores rurais sem Terra (MST). A abordagem metodológica escolhida foi o Estado da arte por intencionar mapear e analisar as produções em EIC na última década. Os resultados da pesquisa revelam a incipiência de estudos na área da EIC e a urgência e necessidade de ampliação nas pesquisas e políticas educacionais neste campo.

Palavras-chave: Educação Infantil do Campo, práticas pedagógicas, comunidades indígenas e ribeirinha.

SUMMARY:

This article results from part of the master's research that aimed to study the mapping of scientific productions Children's Rural Education (EIC) of the decade of 2002 to 2012, based on the databases of ANPEd, CAPES and SCIELO. The article reveals the analysis of the works found on the Children's Education interface with social movements, with the highlight the Landless Workers' Movement (MST). The chosen methodological approach was the state of the art by intend to map and analyze the productions in EIC in the last decade. The survey results reveal the paucity of studies in EIC and the urgency and need to expand the research and educational policies in this field.

Keywords: Children's Rural Education, teaching practices, indigenous and riverine communities.

Educação Infantil do Campo: palavras introdutórias

As disparidades socioeconômicas no Brasil quanto ao acesso à Educação Infantil é um fator de atenção não apenas entre os pesquisadores da área de políticas educacionais, como entre os que se interessam pela primeira infância. Tais diferenças no acesso têm sua origem não apenas entre as crianças ricas e pobres, mas também por suas condições domiciliares. Crianças moradoras da zona rural têm muito menos chance de acesso à escola do que as crianças habitantes da zona urbana. Para além da questão geográfica, esta é uma questão política séria, que vem mobilizando vários segmentos da sociedade civil, como os Movimentos Sociais, na luta pela conquista da garantia de acesso e qualidade da criança pequena à Educação Infantil do Campo.

A Educação Infantil, sendo uma política marcada pelos movimentos sociais (NUNES E CORSINO, 2011), assim como a Educação do Campo, tem sido largamente estudada na última década. Sua relevância para a educação básica, sua trajetória histórica de conquistas e de lutas, fazem desta etapa educacional, uma fonte inesgotável de pesquisas nas diversas áreas que a compõem. No entanto, nota-se que o debate de Educação Infantil inserida no campo ainda é muito pouco explorado. Esta escassez de material e produções acadêmicas sobre a Educação Infantil do Campo foi o que definiu o presente estudo.

Temos, após uma década da efetivação das políticas de EC, com a conquista das Diretrizes Operacionais para as Escolas Básicas do Campo (DOEBEC), através da Resolução CNE/CEB nº 01 de 03 de abril de 2002, e da política de EI, através das Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil- DCNEI (Parecer CNE/CEB nº 04/00, 16 de fevereiro de 2000) muitos trabalhos e estudos em cada uma das áreas, mas há uma lacuna muito grande quando se depara com a interface destas duas políticas. As políticas de EI referem-se a EC e vice-versa, mas não há um aprofundamento das áreas sobre cada especificidade.

Dos três bancos de dados pesquisados (ANPEd, CAPES e SCIELO) foram encontradas 40 produções científicas, que datam do período de 2002-2012. Entretanto, para a construção deste artigo elegeu-se as pesquisas que trataram da Educação Infantil inserida nos Movimentos Sociais, que totalizam onze trabalhos.

Educação Infantil e Movimentos Sociais

A análise de trabalhos em interface entre a Educação Infantil e Movimentos Sociais resulta da compreensão de que a Educação Infantil do Campo tem sua base nos movimentos sociais (MS). Segundo Gohn (2003, p. 196) a busca de leis e direitos para categorias sociais, especialmente em se tratando do ponto de vista econômico e cultural, com reivindicações as mais diversas, desde a concessão de bens e serviços a espaços sociopolíticos, marca a cidadania coletiva, sob a forma de movimentos sociais. Tais movimentos se inserem na história política e educacional do Brasil e abrangem diferentes setores sociais[1].

Os movimentos sociais têm, segundo Gohn (2002, p. 258) por característica ideológica um conjunto de crenças, valores e ideais que fundamentam suas reivindicações. Eles podem ser construídos a partir de cinco categorias (GOHN, 2002, p.268-271): a primeira refere-se à origem social de uma instituição (igreja, partidos políticos, sindicatos, escola etc.); a segunda por características da natureza humana (sexo, idade, raça e cor), como os movimentos feministas, movimentos gays, de idosos, de jovens, indígenas etc.; a terceira categoria por problemas sociais[2] (movimentos ecológicos, antinucleares, pacifistas etc.). Nesta categoria insere-se também movimentos de busca de solução ou criação de equipamentos coletivos de consumo: movimento pela saúde, por creches e escolas, por habitação, por transportes etc. A quarta categoria de MS envolve questões de ordem política de uma nação e engloba movimentos como insurreições, revoltas, motins, revoluções etc. A quinta e última categoria são de MS construídos por ideologias (embora todos os MS tenham ideologia) e utopias, como marxismo, cristianismo, anarquismo etc. (GOHN, 2002, p.268-271)

Assim, a reivindicação por escola de qualidade para seus filhos pequenos, por parte das mães/pais trabalhadores do campo e assentados e acampados do MST, foi decisivo para o entendimento da demanda da EIC e sua construção política, dentro desta discussão de MS. A EI, como já dito anteriormente, tem sua história marcada pelas lutas das mães trabalhadoras por creches e pré-escolas para seus filhos pequenos. A EC, por outro lado, abrange diversos MS, como os movimentos indígenas, movimentos dos atingidos por barragens, MST, movimento dos pescadores etc.

Neste contexto complexo, carregado de significados e valores que são os movimentos sociais, alguns destacam-se por lutarem pela melhoria na qualidade educacional dos seus sujeitos, como o MST e Movimentos Indígenas. No MST, algumas ações educacionais, como as Cirandas Infantis[3], Escolas e Cirandas Itinerantes[4] e o Encontro dos Sem Terrinha[5], em busca de bases pedagógicas que valorizem e respeitem os princípios do movimento, já se consolidaram e passam a fazer parte do seu sistema educacional.

Onze trabalhos, dentre eles uma pesquisa de doutorado sobre a construção de regras sociais e morais entre crianças do MST, se inserem nesta categoria de análise e todas elas tratam da educação no MST. Não foi encontrado nenhum trabalho sobre a educação em outra categoria de movimento social.

Três pesquisas encontradas no banco de dados da CAPES datam do início da década escolhida para este estudo, 2002. O primeiro de Neucélia Meneghetti De Pieri, pesquisa de mestrado, "Organização social e representação gráfica: crianças da escola itinerante do MST" teve por objetivo compreender a interferência do meio na representação gráfica da criança na Escola Itinerante do MST, ou seja, "como e com que intensidade os elementos simbólicos (sigla, bandeira etc.) presentes em seu meio aparecem em seus desenhos." (2002, s/p)[6]

O trabalho de De Pieri (2002), que teve como base teórica os conceitos de real e simbólico de Piaget, e a tomada de consciência e conscientização de Freire, obteve como resultado que as crianças utilizam com intensidade em seus desenhos os elementos simbólicos do contexto vivido no acampamento. Através das falas destas crianças, também verificou-se que o meio social na qual vivem, interfere de modo significativo nos valores e na compreensão consciente e crítica a qual elas adquirem por fazerem parte do movimento.

Esta é uma característica marcante do MST, o modo como conduzem suas concepções e valores, fundamentados no projeto socialista. Através da luta, resistência e atitudes revolucionárias, buscam a garantia de seus direitos, em especial, o direito à terra. As crianças que vivem e convivem diariamente com esta experiência adquirem os mesmos valores e concepções, que estão atrelados ao seu modo de viver, e se concretizam nas falas, desenhos e

brincadeiras.

Sobre este aspecto o trabalho de Ferreira (2002a) intitulado “O lúdico e o revolucionário no movimento dos trabalhadores rurais sem terra: a prática pedagógica no Encontro dos Sem Terrinha”, pesquisa de mestrado, ressalta o modo como as manifestações lúdicas das crianças são marcadas de contradições e possibilidades. Ao problematizar a dimensão do Lúdico e Revolucionário nas práticas pedagógicas dos Encontros Anuais dos Sem Terrinha, o autor busca contribuir para a construção de uma teoria pedagógica em que as condições físicas, materiais e de formação dos educadores estejam presentes.

A prática pedagógica sugerida por Ferreira (2002a) deve pautar-se numa prática social que também determina a formação humana e que caracteriza o movimento dos sem terra. Para tanto ele pautou-se na análise da produção teórica adotada pelos educadores do MST como principais referências pedagógicas, bem como na discussão dos conteúdos das categorias Lúdico e Revolucionário e por fim, na análise das manifestações lúdicas das crianças no Encontro dos Sem Terrinha.

Os dados da pesquisa de Ferreira (2002a) apontam para a contradição existente entre as práticas sociais, culturais e pedagógicas adotadas e vivenciadas pelos sujeitos. Deste modo o trabalho propõe uma teoria pedagógica centrada na possibilidade de essências, que exige uma formação que oriente os educadores no projeto histórico socialista do movimento e a compreensão de “sociedade pedagógica onde prevaleçam com crianças e jovens as práticas lúdicas revolucionárias que ampliam a consciência de classe”[7] (2002a, s/p).

Neste *locus* de permanentes batalhas de ideias e ideais, que se constitui o MST, e considerando seu contexto histórico, político, cultural e social, as teorias pedagógicas necessitam realmente de uma consistência e força, para que os princípios que norteiam o movimento não se percam em práticas pedagógicas empobrecidas e descontextualizadas.

Enquanto sujeito pedagógico o MST não cria uma nova Pedagogia, mas inventa um novo jeito de lidar com as pedagogias já construídas na história da formação humana. Em outras palavras, a Pedagogia do Movimento põe em movimento a própria pedagogia, mobilizando e incorporando em sua dinâmica diversas e combinadas matrizes pedagógicas. (CALDART, 2001, p. 7)

Deste modo, um dos trabalhos que também marcam a discussão sobre a Educação Infantil no contexto da Educação do Campo no MST é o de Luzia Antônia de Paula Silva. Através de sua dissertação de mestrado, intitulada “A educação da infância entre os trabalhadores rurais sem terra”, de 2002, a autora buscou investigar a vida infantil, com a intencionalidade de realizar um estudo descritivo e explicativo sobre a educação da infância, “em um grupo específico de trabalhadores rurais, pertencente a um movimento social organizado que luta por melhores condições de vida e trabalho, contra a expropriação, exploração e alienação” (2002, s/p).

O estudo de Silva (2002) foi realizado no Acampamento Oziel do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no município de Goiânia em 2001. Tal trabalho buscou averiguar de que modo os trabalhadores rurais sem terra concebem a educação das crianças de seu grupo, como representam e pensam o processo educativo. O resumo desta dissertação não apresenta os resultados da pesquisa obtidos pela pesquisadora, o que se constituiu numa lacuna para a análise do mesmo.

É interessante observar que estes estudos, de 2002, antecedem as DOEBEC e, no entanto já trazem elementos importantes da constituição do MST e sua relevância na matriz conceitual da EC, haja vista a importante trajetória do movimento nas décadas de 1980 e 1990 em torno da resignificação das lutas no campo.

Seguindo ainda por uma análise cronológica das pesquisas encontradas, o trabalho de Luciana Oliveira Correia, “Os filhos da luta pela terra: as crianças do MST. Significados atribuídos por crianças moradoras de um acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social”, pesquisa de mestrado de 2004, traz uma importante contribuição para o pensar a educação da infância do campo.

A autora (CORREIA, 2004) buscou discutir três aspectos nesta pesquisa: o primeiro, compreender a criança pertencente a um sujeito coletivo portador de uma identidade singular, Sem Terrinha; segundo, tratar da construção desta identidade em um movimento social do campo, o MST; e por fim, considerando o movimento social enquanto modo de vida para aqueles que fazem parte do seu cotidiano, analisar como esse modo de vida produz sujeitos e identidades coletivas na infância. A autora pautou-se nas discussões teóricas de pesquisadores da Educação do Campo, como Caldart (2000) e Molina (1999).

Pensar na construção da identidade dos Sem Terra desde a sua infância, visto que uma das características do movimento é a coletividade nas lutas e manifestações, e perceber a criança neste processo, tornam as pesquisas, como as de Correia (2004) em referências importantes no que se refere à educação da infância nos movimentos sociais. O estudo de Correia (2004) também chama a atenção para a escassez de pesquisas sobre a vivência da infância numa

situação de luta, em que o sentimento de pertencer a um coletivo maior é fundamental para a compreensão do significado de suas ações. A autora ressalta que,

O debate sobre educação no interior dos Movimentos Sociais do Campo vem alertando para a necessidade de superar a supremacia do educador na organização do trabalho educativo indicando a importância da participação dos educandos nesse processo. (CORREIA, 2004, s/p)

Segundo Correia (2004), é característica do MST que a participação nas mobilizações seja de toda a família, incluindo os homens, mulheres, jovens e crianças. Deste modo, o pensar sobre o processo educativo que ocorre no interior deste movimento foi um dos eixos deste trabalho (CORREIA, 2004). O resumo não apresenta os resultados obtidos na sua pesquisa, portanto registra-se a limitação na análise deste material.

Em contrapartida, a análise dos artigos completos do banco de dados da ANPEd e SCIELO mostra-se eficaz devido ao fato de os mesmos apresentarem, ainda que parcialmente, os resultados, bem como a conceituação e fundamentação teórica que basearam a pesquisa.

O primeiro trabalho apresentado na ANPEd sobre educação de crianças do campo, e em específico, sobre as crianças do MST, aconteceu no GT-07 Educação de crianças de 0 a 6 anos, na 28ª Reunião Anual, em 2005. O trabalho, intitulado “A educação da infância no MST: o olhar das crianças sobre uma Pedagogia em movimento”, da autora Deise Arenhart, revela a preocupação com uma educação para a infância no contexto específico de Educação do Campo, que vigora a discussão sobre cultura, trabalho, luta e mística dos trabalhadores rurais sem terra. Este artigo é decorrente da sua pesquisa de mestrado intitulada “A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento Conquista na Fronteira: significações e produções infantis” (2003), disponível no site da CAPES. Sendo assim, nesta análise de dados, optou-se por realizar a análise do artigo na íntegra e suprimir a análise do resumo da dissertação, por se tratar de um mesmo trabalho.

O estudo de Arenhart (2003; 2005) teve como objetivo principal “analisar as significações que as crianças dão para a mística, a luta e o trabalho, bem como a forma como estão produzindo esses elementos nos processos educativos que vivem no assentamento” (2005, p.03). Tal pesquisa baseia-se nos estudos atuais da sociologia da infância, a qual compreende a criança como “agente ativo na construção da cultura” (SARMENTO, 1997 e apud ARENHART, 2005, p.02) e a infância como “categoria geracional heterogênea” (idem), traçando deste modo um perfil de infância que deve ser compreendida dentro de cada contexto sociocultural na qual se insere.

Ao tratar de crianças assentadas, que possuem modos peculiares de lidar com as experiências cotidianas de escola, brincadeira, família, movimento social, trabalho etc. o estudo apresenta a concepção de Educação do Campo como um “lugar” de luta, de valorização dos conhecimentos e cultura locais, de formação social e política. Ao realizar o trabalho com as crianças do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra, a autora buscou “compreender a constituição do ser criança *no e em* Movimento a partir delas mesmas” (ARENHART, 2005, p.15). Percebeu que as crianças ao mesmo tempo em que se mostram “frutos de um contexto social mais amplo e, nele, de um contexto específico constituído pela imersão em determinada classe social, na cultura do mundo rural e do MST” (p.15) também conseguem subverter as lógicas adultas e expressam seu modo infantil de “ser, pensar e produzir a vida” (idem).

Deste modo, a pesquisa aponta para um viés de educação (Pedagogia do MST) voltada para um grupo social infantil que tem por característica um cenário cotidiano de lutas: luta pela terra, luta por direitos sociais (marca do Movimento Social dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), por moradia digna, alimentação, saúde etc. As crianças convivem com estas lutas e aprendem a lidar com ela, aprendem através da educação familiar e da ofertada na escola do assentamento.

Mesmo não revelando aspectos da Educação Infantil e suas especificidades, o trabalho de Deise Arenhart, é considerado uma referência nas pesquisas de educação para a infância do campo, pois além de “enxergar” estes sujeitos pequenos que vivem nos assentamentos, a autora discute sua educação e o próprio olhar das crianças sobre a mesma.

Ao analisar o artigo, percebe-se que não há uma referência exata que aponte a idade das crianças que fizeram parte da pesquisa, no entanto os registros de entrevistas e observações descritos no texto referem-se às crianças de 9 a 11 anos. Como o trabalho está inserido no GT-07 Educação de crianças de 0 a 6 anos, leva-nos a supor que a seleção para que o mesmo fosse apresentado neste GT tenha sido a discussão de alteridade da infância. Outro fator a considerar, é que, para o artigo, foram selecionados apenas registros destas crianças, e que a análise da autora sobre as crianças menores de seis anos esteja no corpo de sua dissertação, não analisada neste trabalho. É importante também ressaltar que no resumo de sua dissertação, a autora não especifica a idade dos sujeitos envolvidos na

pesquisa.

Por outro lado, o trabalho de Sodré (2005) “Crianças de um acampamento do MST: propostas para um projeto de educação infantil”, publicado na Revista Estudos de Psicologia, retrata uma pesquisa realizada diretamente com as crianças de um acampamento do MST.

O estudo de Sodré (2005) aponta a reivindicação e demanda da população do Acampamento Rosa do Prado, extremo sul da Bahia, por um local para as crianças em idade pré-escolar ficarem enquanto seus pais trabalham. Desta demanda surgiu o projeto de pesquisa da autora, professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e alunas bolsistas, que buscaram conhecer o contexto e seus sujeitos e apresentar a proposta de Educação Infantil junto à Secretaria de Educação do município.

Através de entrevistas com os pais e familiares e da análise de desenhos das crianças (na faixa etária de 4 a 6 anos), buscou-se conhecer as proposições e necessidades da comunidade no que diz respeito à educação infantil (SODRÉ, 2005). Tal proposta metodológica foi pensada no sentido de compreender a melhor forma de atender às expectativas e necessidades dos usuários da instituição de educação infantil que estava sendo reivindicada.

Sodré (2005) ressalta ainda que por se tratar de uma instituição demandada por uma população vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra (MST) as especificidades devem ser levadas em consideração ao projetar e pensar no lugar de atendimento educacional das crianças. Tendo o MST pautado suas lutas pela conquista do direito, a autora considera válida e de extrema significância a participação ativa das crianças na construção de sua cidadania, levando em conta seus valores e interesses. De tal modo, “objetivou ouvi-las sobre o projeto de Educação Infantil” (SODRÉ, 2005, p.2), envolvendo-as diretamente no processo.

Pautando teoricamente este trabalho nas concepções da sociologia da infância (SARMENTO, 2002), da psicologia do desenvolvimento (LORDELO, 2000, 2002; VASCONCELOS, 1999) e das concepções de espacialidade na Educação Infantil (SOUZA, 2003), a pesquisa detectou, através da coleta de dados com os desenhos e entrevistas com as crianças, que seus interesses podem contribuir para um projeto de construção de um ambiente educacional em planejamento. As crianças do acampamento, diferente das crianças que vivem/estudam na cidade (também parte da pesquisa do projeto de extensão da autora), almejam um espaço que possua paredes, janelas, portas. Em seus desenhos aparecem muito frequentemente a indicação de materiais de construção.

Tal demanda é justificável pela necessidade de um ambiente onde elas (as crianças) possam visualizar o espaço externo (daí surgem os desenhos de janelas e construções sólidas), que não é possível através das lonas que cobrem as barracas de suas casas e escolas no acampamento.

O movimento social caracteriza-se pela participação intensa dos sujeitos na luta por seus direitos, assim, com as crianças que participam destes movimentos não é diferente. Elas sabem de suas necessidades e prioridades e são, desde cedo, incentivadas a lutar pelas mesmas.

A pesquisa de Sodré (2005) torna-se, portanto, uma referência importante quando se refere à EIC, por tratar a temática, tão pouco explorada e estudada, de modo consistente e levando em consideração às necessidades específicas dos sujeitos pequenos do campo. Ainda que não traga a expressão Educação Infantil do Campo, os princípios da mesma estão implícitos neste trabalho.

O resumo da dissertação de mestrado de Martins, “A infância do Movimento em Movimento: linguagem e identidade Sem Terrinha” (2006a) mostra como resultado que a criança do MST se constrói no coletivo e, através de múltiplas linguagens, expressa um devir humano, “engajada na construção e reconstrução de sua história, dando cor, vida e movimento a cada ‘capítulo’ vivido” (2006a, s/p).

A pesquisa de Martins (2006a) encontra-se na interface de discussões sobre educação e infância e a investigação da criança pequena no movimento sem terra. Privilegiando linguagens como a mística e o desenho, a autora analisa as práticas de Educação Infantil e de espaços de organização coletiva que envolvem crianças pequenas no MST. O trabalho aborda aspectos da história da Educação do Campo, em especial do MST, e busca “indicadores para a discussão da educação infantil no movimento” (s/p).

Com base na teoria vygotskiana, dimensiona o campo da linguagem na expressão da mística e do desenho, o que possibilita percebê-los como “espaço de expressão da identidade sem terrinha” (MARTINS, 2006a). A criança é vista como protagonista de sua história, e, “nos diferentes espaços do movimento, manifesta-se gráfica e plasticamente, com voz, com vez, com sofrimento, com brincadeiras” (s/p), produzindo cultura, ao mesmo tempo em que se produz, constituindo a sua identidade Sem Terrinha.

O trabalho de Martins (2006a) não apenas reafirma a criança como produtora e construtora de sua identidade sem terra, como ressalta a Educação Infantil como essencial para esta formação.

Também acerca desta formação identitária das crianças sem terra, uma pesquisa de doutorado realizada com crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na faixa etária entre três e dez anos de idade, tece uma discussão

sobre a formação moral e a construção da identidade social destes sujeitos. A pesquisa, intitulada “Construção de regras fundamentais aos valores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, da autora Nilvania dos Santos Silva (2008a), buscou compreender como as crianças pensam e incorporam as regras que fundamentam os valores e princípios do MST, considerando a diversidade das situações e os limites e possibilidades de se vivenciar os valores no cotidiano pedagógico.

O trabalho foi fundamentado com base na teoria piagetiana para perceber como ocorre o processo de construção cognitiva das regras pelas crianças. A pesquisa dividiu-se em duas etapas: na primeira foi observado o comportamento de três grupos de crianças enquanto realizavam atividades nas suas respectivas Cirandas Infantis, com crianças menores de seis anos. Na segunda etapa foram entrevistadas 20 crianças entre três e dez anos de idade. Foram utilizados cartões com cenas, e na medida em que iam sendo contadas as histórias, algumas questões morais envolvendo a postura dos personagens foram levantadas. Segundo Silva (2008a), foi possível verificar que o “respeito unilateral e a coerção externa estão entre os definidores das decisões morais das crianças” (s/p).

Na tomada de decisão da criança também foi verificado outros fatores que chamam a atenção, como o espaço de socialização desta com a família e a escola. Percebeu-se que a criança do MST já apresenta opiniões acerca da postura das pessoas que vivenciam essas unidades de socialização. A pesquisa também constatou que a interação com os familiares e educadores estão entre os aspectos que contribuem para a formulação de posicionamentos morais necessários para a adoção de valores essenciais à ética deste Movimento (SILVA, 2008a).

As crianças do MST, por constituírem um grupo infantil com características peculiares e próprias de atuação social, já que este é um valor cultural e de essência do movimento, passam a ser vistas com mais cuidado e atenção pelos pesquisadores da infância.

Como exemplo, a pesquisa de Edna Rosseto (2009), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da professora Ana Lúcia Goulart de Faria, pesquisadora de referência na área de Educação Infantil, buscou investigar as crianças do MST nas Cirandas Infantis.

A pesquisa de Rossetto (2009) “Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST”, dissertação de mestrado (CAPES), buscou discutir a Ciranda Infantil do MST no intuito de situar como a mesma foi constituindo sua prática educativa vivenciada pelas crianças. O contexto pesquisado foram as Cirandas Infantis Itinerantes que acontecem em algumas atividades do MST como cursos, marchas, congressos etc. e a Ciranda Itinerante Ana Dias na regional de Itapeva (SP).

Por meio de categorias, como “Luta social” dos estudos de Caldart, “Trabalho como princípio educativo” de Frigotto e a categoria “Auto-organização” de Pistrak (ROSSETTO, 2009), a autora realiza a análise dos dados, tendo as crianças pequenas, a educação infantil e constituição das Cirandas Infantis como foco. Com os resultados da pesquisa, Rossetto (2009) aponta as Cirandas Infantis como espaços de construção do coletivo infantil, “no qual as crianças aprendem a dividir o brinquedo, o lápis, o lanche, a compartilhar a vida em comunidade” (2009, s/p).

Outra pesquisa de mestrado, realizada no sudoeste da Bahia, também traz a educação nos assentamentos do MST e as suas crianças como protagonistas da cultura que se faz presente neste espaço. O trabalho de Dinorah Nogueira de Souza Martins “A educação nos assentamentos de sem terra no sudoeste da Bahia: o caso do Assentamento de Amaralina em Vitória da Conquista” (2009a), teve por objetivo analisar a trajetória de uma parcela dos movimentos sociais rurais, dos trabalhadores rurais Sem Terra, e como procedimento metodológico utilizou entrevista com os moradores, professores e crianças, leituras bibliográficas, questionários e observação das aulas e da recreação.

Vinte crianças participaram desta pesquisa (MARTINS, 2009a), no entanto o resumo não explicita a idade das mesmas. Com elas, a autora aplicou um questionário com o intuito de analisar o modo como é concebida a educação e sua práxis pedagógica. Segundo a autora, realizar esta análise implicou em traçar uma investigação no que concerne à articulação entre os princípios educativos e políticos do MST, com os princípios propostos na escola. O resumo não deixa claro de que modo ocorreu a participação das crianças nestes resultados, ou seja, de que modo elas efetivamente contribuíram para a pesquisa.

Uma característica da análise desta categoria, é que em todas as pesquisas aqui analisadas, as crianças foram vistas como protagonistas de sua aprendizagem, construtoras de sua identidade e de seus valores éticos e morais estruturados em uma base sólida de cidadania. Tal comportamento justifica-se pela interação destas crianças com adultos em constante processo de luta e reivindicações, adultos em “marcha”, em “caminhadas”, levantando a “bandeira”, gritando, sofrendo, chorando. As crianças das Cirandas, das escolas improvisadas em barracões de lona, as crianças sem terra, sem casa e sem escola aprendem, desde cedo, quais são os seus direitos e aprendem a lutar por eles. Elas falam, elas desenham, elas representam seus sonhos e aspirações nas brincadeiras, elas comunicam seus desejos e suas ideias e elas também reclamam, aprendem a pedir, a cobrar, a lutar.

Assim é a criança sem terra e assim é que deve ser compreendida a escola destas crianças: uma escola, que

desde cedo, as respeite, as ensine a compreender e formar seus valores, e que, sobretudo, as atenda de modo que suas vozes apareçam e soem tão alto, como a de seus pais e familiares quando lutam e quando estão em marcha. As crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, os Sem Terrinha, já são sujeitos de pesquisas. Espera-se que logo sejam sujeitos de direitos garantidos.

Considerações importantes

No mapeamento dos dados, ficou evidente que o estudo sobre a educação de crianças de outras categorias de MS, como os indígenas, negros, atingidos por barragens, ribeirinhos e tantas outras, ainda necessita de olhares mais aguçados entre os pesquisadores.

Acredita-se que os estudos sobre a educação das crianças no MST apareça com protagonismo nesta categoria de trabalho, pois se leva em consideração seu momento histórico de conquistas já consolidadas, como a própria Pedagogia do MST.

Desta forma, o presente estudo intenciona dar visibilidade à discussão sociopolítica e educacional que sustenta a EIC e que se mostra urgente no cenário nacional.

REFERENCIAS

ARENHART, Deise. **A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento Conquista na Fronteira:** significações e produções infantis. 01-02-2003. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200365641001010015P7>. Acessado em: 20/11/2012.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002.** Diretrizes Operacionais para as escolas básicas do Campo- DOEBEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>. Acessado em: 22/10/2011.

CORREIA, Luciana Oliveira. **Os filhos da luta pela terra:** as crianças do MST. Significados atribuídos por crianças moradoras de um acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social. 01-12-2004. Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200438632001010001P7>. Acessado em: 20-11-2012.

DE PIERI, Neucélia Meneghetti. **Organização social e representação gráfica:** crianças da Escola Itinerante do MST. 01-09-2002. Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200246342001013001P5>. Acessado em: 20-11-2012.

FERREIRA, Marcelo Pereira de Almeida. **O lúdico e o revolucionário no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra:** a prática pedagógica no Encontro dos Sem Terrinha. 01-02-2002a. Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200213125001019001P7>.

Acessado em: 20-11-2012.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **História dos Movimentos e lutas sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e descaminhos dos Movimentos Sociais no campo**. 3a edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.

MARTINS, Dinorah Nogueira de Souza. **A educação nos assentamentos de sem terra no sudoeste da Bahia**: o caso do Assentamento de Amaralina em Vitória da Conquista. 01-06-2009a. Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20095133005010006P0>. Acessado em: 20/11/2012.

MARTINS, Marinete Souza Marques. **A infância do movimento em movimento**: linguagem e identidade sem terrinha. 01/12/2006a. Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20064130001013001P1>. Acessado em: 19/11/2012.

NUNES, Maria Fernanda Rezende.; CORSINO, Patrícia. Políticas públicas universalistas e residualistas: os desafios da Educação Infantil. In: ROCHA, Eloisa A.C.; KRAMER, Sonia (orgs.) **Educação Infantil**: enfoques e diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011. P.331-347.

ROSSETTO, Edna Rodrigues Araújo. **Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós**: a educação das crianças sem terrinha no MST. 01-06-2009. Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20093362333003017001P2>. Acessado em: 20/11/2012.

_____. A Educação das crianças Sem –Terrinha nas cirandas infantis: a construção de uma alternativa em movimento. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de.; FINCO, Daniela. (orgs.) **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2011. p. 81-104

RISSO, Edson et.al. A infância e a criança no e do campo. In: CALDART, Roseli Salete; PALUDO, Conceição; DOLL, Johannes (orgs.). **Como se formam os sujeitos do campo?** Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006. (p.113-140)

SILVA, Luzia Antônia de Paula. **A educação da infância entre os trabalhadores rurais sem terra**. 01-08-2002. Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200218352001016007P1>. Acessado em: 20/11/2012.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. IN: MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministerio do Desenvolvimento Agrário, 2006. p.60-93

SILVA, Nilvânia dos Santos. **Construção de regras fundamentais aos valores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. 01-09-2008a. Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082323001011001P1>. Acessado em: 20/11/2012.

SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes. Crianças de um acampamento do MST: propostas para um projeto de educação infantil. **Revista Estudos de Psicologia** (Natal), v.10, n.02, Natal, Maio-Agosto 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000200004&lang=pt Acessado em: 05/07/2012

[1] Sobre a origem e história dos Movimentos Sociais, consultar Gohn (2002, 2003). Para melhor aprofundamento no tema, consultar Grzybowski (1991).

2 O MST surge como o movimento social mais protagonista nesta categoria.

3 As Cirandas Infantis são definidas pelo MST (2004 apud ROSSETO, 2011, p. 84) como um espaço educativo

organizado, que tem por objetivo trabalhar as várias dimensões socioeducativas com as crianças Sem-Terrinha. Estando em constante movimento nas Cirandas Infantis, as crianças sem-terrinhã, em coletividade, têm a possibilidade de despertar para uma verdadeira educação emancipatória. (ROSSETO, 2011, p. 101)

4 As Escolas e/ou Cirandas Itinerantes são organizadas para que as crianças acompanhem seus pais e mães em algumas ações, como congressos e marchas, no processo de luta pela terra. As Cirandas Itinerantes têm data para começar e terminar (ROSSETO, 2011, p. 91)

5 Sem Terrinha é uma expressão que identifica as crianças vinculadas ao MST. No Primeiro Encontro Estadual das Crianças Sem Terra, em 1997, foi quando surgiu o nome “Encontro dos sem-terrinhã”, tendo sido originado pelas próprias crianças, que passaram a se chamar de “sem terrinhã” (RAMOS, 1999 apud RISSO et. al., 2006, p. 133)

6 As citações de trechos dos resumos das teses e dissertações do banco de dados da CAPES aparecerão, ao longo deste trabalho, com a referência de ano e sem página (s/p), visto que a análise deteve-se apenas ao resumo disponível no portal e portanto, sem página.

7 Para melhor aprofundamento do tema, consultar Caldart (2000), em “Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola”.

Raphaela Dany Freitas Silveira Gonçalves

Mestre em Educação-UEFS, Especialista em Alfabetização-UEFS, Especialista em Educação Especial-UEFS, Pedagoga-UEFS, raphaelafreitas23@gmail.com

Recebido em: 30/06/2015

Aprovado em: 01/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: